

# A PLURALIDADE DAS CULTURAS E A UNIFICAÇÃO DA HUMANIDADE

João Ribeiro Júnior  
( Professor do IAC/PUCCAMP )

A temática que proponho para esta reflexão se vincula à pergunta: Em que medida a concreta experiência histórica justifica que se elabore uma teoria genérica do valor, com referência a culturas distintas ?

São claras as diferenças de opinião acerca da tese que afirma a existência de culturas diversas, cada uma encerrando-se em si mesma, e dotadas de uma característica que lhes é própria, e que impregnam com sua peculiaridade todas as suas manifestações. Em alguns casos, acontece mesmo aparecerem, num mesmo autor, idéias essencialmente opostas, como ocorre em Renan e Toynbee.

Assim, examinarei o que dizem alguns autores representativos sobre a diversidade das culturas e a unidade humana, na tentativa de oferecer uma visão antropofilosófica e axiológica a respeito da dramática contradição existente entre tendências e interesses humanos universais e interesses nacionais de grupos humanos particulares.

## A decadência do Ocidente

Começarei com Oswald Spengler que, em sua obra **A Decadência do Ocidente**, publicada logo após a 1ª Guerra Mundial ( julho de 1918 ), questiona: Assim como todo ser orgânico tem um ciclo que inclui nascimento, juventude, maturidade, velhice e morte, não se dará o mesmo nos ciclos culturais? Não haverá neles certas protoformas biográficas universais? Estará se extinguindo a cultura ocidental? E para responder estas questões, Spengler, que segue a doutrina goetheana das metamorfoses e a faculdade de interrogar de Nietzsche, estabelece que o meio pelo qual concebemos as formas é a matemática. O meio pelo qual compreendemos as formas vivas é a analogia. Deste modo, distinguimos a polaridade e a periodicidade do mundo.

Spengler reconhece que sempre se teve consciência que o número das formas na História foi limitado, e que as idéias, as épocas, as situações, as pessoas repetem tipos. Por exemplo, ao estudar Napoleão, somos levados a visualizar César e lançar os olhos a Alexandre. Há entre eles algo que se repete, ou melhor, repetem eles um tipo.

A seguir distingue Spengler a impressão orgânica da impressão mecânica que o mundo nos dá; distingue o conjunto das formas do conjunto das leis; a imagem e o símbolo da fórmula e do sistema; a realidade singular da possibilidade geral; o fim que persegue a imaginação, ordenando as coisas segundo um plano, e o que estabelece a experiência em suas análises práticas. Não se trata mais de relatar os fatos históricos como um pedaço da Física disfarçada, mas de desvelar o que através da sua aparência eles realmente significam. Não se trata de encontrar na História uma relação de causa e efeito, como se encontra na Física. Nesta predomina a lógica do espaço, enquanto na História predomina a lógica do tempo. Naquela há necessidade, que une causa e efeito; nesta há a necessidade orgânica do destino.

Assim, para Spengler, História é a forma em que a imaginação trata de compreender a existência viva do universo com relação à sua própria vida, emprestando-lhe, deste modo, uma realidade mais profunda. Para ele, é o Homem do Ocidente quem tem o sentido mais profundo da História.

Spengler rompe, também, com a classificação de Idade Antiga, Média e Moderna, por ser um esquema carente de sentido, que nos impede de ter uma visão mais justa da História. Poderia, segundo ele, valer quanto à História do Ocidente, mas não quanto a História Universal. Spengler atribui essa criação tripartida ao espírito semítico, que sofreu as influências da classificação do profeta Daniel.

Em suma, para Spengler as culturas são organismos. A História Universal é a sua própria biografia. Não toma ele, contudo, o termo orgânico em sentido unívoco com os das ciências naturais, mas numa analogia de atribuição acentuada. A cultura não é um organismo como um corpo, porém tem funções análogas às de um corpo vivo. Logo, para ele, a cultura é isolada, sem vinculação com outras da mesma espécie, estando condenada como as outras a recorrer a um ciclo vital que termina na morte.

Destarte, Spengler entende que entre os sucessos de uma cultura e outra cultura, não há mais vínculo nem relação, porém simples coincidência de pertencerem a uma mesma idade. Para ele, os valores do humano, os ideais de humanidade, de fraternidade, de compreensão entre os povos são "covardias". Daí sua negação da idéia de Humanidade Universal.

Contudo, o maior problema que Spengler encontrou na comprovação de sua teoria foi quando tentou explicar como uma

religião — o Cristianismo — nascida dentro de uma cultura e difundida por outra, pôde ser assimilada por uma terceira e que não foi a única herdeira.

Seja como for, a idéia da unidade humana na diversidade das culturas insinua-se nas páginas do livro destinado a negá-la, porquanto em seus “quadros”, ao negar a idéia de Humanidade, Spengler pretende encontrar significações similares em acontecimentos que ocorrem em culturas diversas.

### Uma resposta para Spengler

Arnold J. Toynbee, em seu livro **Um Estudo de História**, cujos varios volumes<sup>10</sup> foram publicados em 1934, 1939, 1946 e 1954, concorda com Spengler no tocante as culturas diversas, contudo dele se afasta quando entende que há relações entre sociedades da segunda geração com as da primeira, e há vínculos entre as da terceira geração com as da segunda. ( Para uma visão mais ampla de sua Filosofia da História ver o meu ensaio “Em torno de Toynbee” publicado na **Notícia Bibliográfica e Histórica**, do Departamento de História da PUCCAMP, Ano XV, nº 110, abril/junho de 1983, pp. 126 a 130 ).

Para Toynbee três fatores marcam a transição da antiga à nova civilização: 1º um Estado Universal, fase final da velha sociedade; 2º uma Igreja engendrada nessa velha sociedade e, por sua vez, engendrando uma nova; 3º a introdução caótica de uma idade bárbara. Desses três fatores, o segundo é o mais importante e o terceiro o menos significativo.

Fazendo um estudo comparado das civilizações, perfilha ele as seguintes, que revelam a presença dos três fatores: a sociedade cristã ortodoxa, a sociedade iraniana e árabe e a sociedade síria; a sociedade pré-indiana, a sociedade pré-chinesa, a sociedade minóica, a sociedade sumérica, as sociedades hititas e babilônicas; a sociedade egípcia, as sociedades andinas, no lucatã, mexicana; e mais: divide a raça branca em nórdica, alpina e mediterrânea; a morena, em drávida e malaia; a amarela em pré-chinesa, chinesa e japonesa, e a vermelha em pré-colombiana. A raça negra não entra nesta classificação, pois, segundo Toynbee, ela não realizou nenhuma civilização.

Toynbee criou a teoria do “desafio-resposta” (challenge-response). Desafiado pelo ambiente geográfico ou pelo ambiente histórico, um povo responde aceitando este desafio, vencendo os obstáculos, procurando dirimí-los, ou, então, submete-se às contingências sem capacidade de luta, vencido, quando outro povo, nas mesmas circunstâncias, procede de modo diverso. Essa relação “desafio-resposta” apresenta características várias: a) que a todo desafio corresponde uma

resposta; b) que a resposta é proporcionada ao desafio; c) que essa proporção, contudo, varia dentro de extremos, e oferece um "optimum" de difícil precisão, mas admissível, em face da heterogeneidade dos fatos.

Segundo a visão toynbeana, a História da Humanidade não se processa em linha reta, e sim consiste em uma série de civilizações cada uma das quais nasce, cresce, e depois entra em decadência, e finalmente, perece.

A História de todas as civilizações, que percorreram o caminho completo do desenvolvido, é marcada por fases semelhantes. Para Toynbee a religião desempenha um papel de grande importância na vida das distintas famílias humanas e na explicação dos fatos históricos fundamentais. Essa religião, contudo, não é propriamente o Cristianismo, mas um cristianismo mesclado ao misticismo escatológico das religiões do Extremo Oriente.

Diversamente de Spengler, portanto, Toynbee pensa que não é fatal a morte de toda sociedade civilizada, e que é possível a unificação da Humanidade.

### **Apenas três civilizações**

Ernest Renan, com sua **História do Povo de Israel** ( 1887-1893 ) pode ser considerado um antecessor de Toynbee, mas seu pensamento não é propriamente idêntico ao dele, apenas encontramos alguma semelhança, principalmente no tocante ao papel que desempenhou o Cristianismo no desenvolvimento da civilização do Ocidente.

Renan admite que no passado da Humanidade há apenas três histórias de interesse primordial: a História da Grécia, a de Israel e a de Roma. Estas Histórias reunidas constituem o que chamamos Civilização. Assim, coube à Grécia fundar o humanismo racional e progressivo ( ciência, arte, literatura, filosofia, moral, política, estratégia, diplomática, direito marítimo e internacional ); de Israel proveio a idéia de um Deus único e a idéia de Justiça; e de Roma, a grande força humanitária capaz de abater os obstáculos que os patriotismos locais opunham contra as propagandas idealistas. Foi essa força que conseguiu propagar a obra grega e a judia, dando nascimento à Civilização.

Mas Renan quando fala em Civilização pensa somente na do Ocidente, como se ela fosse a única a contar a História da Humanidade. As diferenças encontradas por Renan nas características destas três histórias, não são tão radicais, pois quando ele fala, por exemplo, que a arte é criação grega, ele se esquece que a arte não é apenas escultura, pintura, é também, literatura, e a literatura é fecunda em Israel.

Seja como for, Renan, embora admitindo diferenças nestas culturas, acredita numa civilização única, e assim, na comunicabilidade entre essas distintas culturas.

### A humanidade unificada

F.S.C. Northrop, em seu livro **O Encontro do Oriente e Ocidente** (1948), tenta demonstrar a unificação da Humanidade. Nesta obra, Northrop nos dá uma visão compreensível dos acontecimentos históricos e da interrelação dos fenômenos socioculturais. Em primeiro lugar, a obra mostra que a cultura total de uma nação (Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra etc.) e ainda a cultura total do Oriente e do Ocidente, não é simples espaço donde se dão inumeráveis fenômenos socioculturais atomizados, e sim relação uns com os outros, uma "acumulação".

Para Northrop, a solução dos problemas da Humanidade deve ser encontrada na plenitude da realização dos homens, no especificamente humano, nas crenças, nos pensamentos, nos valores, na religião, na filosofia, na arte, na moral, na ciência; porém não considerados como próprios de cada civilização distintamente, individualmente, como únicos dignos de aceitação e merecedores de adesão absoluta, pois é esse "egoísmo histórico" que engendra os conflitos entre o Oriente e o Ocidente.

Tanto a Civilização Ocidental, como a Oriental não são um todo homogêneo; assim essas civilizações devem complementar-se para se fortalecerem reciprocamente.

Para Northrop, as culturas, com seus diferentes ideais políticos, econômicos, estéticos e religiosos ou seus valores, estão fundamentadas em diferentes conceitos da Natureza, do Homem e do Universo. Atualmente, em qualquer cultura, existem tão distintas crenças teóricas, como indivíduos diferentes ou diferentes opiniões do mesmo indivíduo em distintos tempos. De ordinário, certas crenças absorvem a maioria das opiniões.

Assim, para descobrir as raízes de onde brotaram os fatores distintos, cuja heterogênea e discordante co-existência caracteriza nossa época, Northrop estuda a história cultural da Igreja Católica da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da França, da Alemanha, da União Soviética e do México, asseverando que existe uma religiosidade, uma pintura, uma emotividade essencialmente nacional; demonstra que na Idade Média prevalecia, no Ocidente, uma concepção do mundo e do homem que combinava as idéias da Bíblia, de Aristóteles, dos Padres da Igreja e de São Tomás D'Aquino. No século XVII, apareceu uma nova

visão da natureza e da sociedade e da relação do homem com ambas, nascida de análise e da especulação filosófica, que se estende de Descartes a Locke.

Para Northrop, a cultura dos Estados Unidos é racionalista e liberal, fundada na filosofia de Locke. A da Inglaterra embasada nos estudos filosóficos político-sociais de Locke, Mill e Bentham, na tradição eclesiástica anglicana e de Hooker, nos estudos econômicos de Ricardo, e ainda na influência marcante do comunismo inglês. A França mescla a cultura religiosa medieval com a filosofia racionalista de Descartes e dos teorizadores da Revolução.

A revisão constante no pensamento, que fez brotar as idéias que se estendem de Leibniz e Berkeley até Russell e Whitehead, conduziu, segundo Northrop, a um afastamento maior entre as culturas, e com isso, surgiram as contradições e as confusões próprias do nosso tempo.

Não obstante, Northrop pensa que é possível a unidade humana. O pensamento ocidental ficaria enriquecido com a assimilação do pensamento oriental e vice-versa. Mas como fazê-lo ?

Northrop entende que na Cultura Ocidental predomina o teórico, e na Oriental, o estético. O teórico seria o lado ou aspecto racional, acessível por via indireta, por inferência através de suas conseqüências dedutivas, como por exemplo, o número e a velocidade das ondas luminosas que correspondem ao calor; o estético seria o lado ou aspecto acessível à experiência direta, como por exemplo, o calor de algo, uma emoção, um sentimento, um desejo. A relação fundamental entre esses dois componentes é denominada, por Northrop, de "correspondência epistêmica", isto é, uma cor diretamente experimentada é o correlato epistêmico das inferidas ondas luminosas que correspondem ao mesmo valor e vice-versa. Em outros termos: como toda coisa contém um componente estético e um componente teórico, assim também em nosso conhecimento dessa coisa há um componente estético e um componente teórico.

Afirma Northrop que a consciência da parcialidade das distintas crenças suscitaria um espírito de tolerância e despertaria a vontade de compreensão de pontos de vistas divergentes, e favoreceria a elaboração de teorias e de formas de conduta que não sofreria da parcialidade hoje tão atuante.

Northrop está convicto da eficácia dessa doutrina, pois entende que as culturas com diferenças ideais ou valores políticos, econômicos, estéticos e religiosos, estão fundadas em diferentes concepções filosóficas acerca da natureza do homem e do universo. E os pressupostos filosóficos de cada cultura estão embasados nas principais teorias científicas da mesma cultura.

Em suma, é necessário eliminar as teorias díspares e as condutas divergentes para que as civilizações se completem e se fortaleçam reciprocamente; que se unam, não porque digam o mesmo, mas porque dizendo coisas diferentes, estas coisas são entre si complementares e necessárias a ambas, a fim de que o homem tenha uma concepção adequada de si mesmo e de seu universo.

Cada civilização, orgulhosa de seu passado, necessita da outra em sua marcha ao mundo do futuro para realizar-se integralmente.

Destarte, para Northrop a sociedade ideal deve retomar a intuição primitiva do passado com respeito a sua proporção estética, e avançar até a ciência depurada do presente no que diz respeito a sua parte teórica. Os componentes da realidade e do conhecimento, como entende Northrop, permitem ver a Humanidade como unidade, e não como queria Spengler, várias culturas estranhas entre si.

### **A humanidade como história única**

Karl Jaspers, em suas obras **Ambiente Espiritual de Nosso Tempo** ( 1928 ) e **Origem e Meta da História** ( 1950 ), mostra o mesmo ponto de vista de Northrop no que diz respeito à plausibilidade de complementação entre os valores de diferentes culturas.

Para Jaspers, o homem não é suscetível de um completo saber objetivo, porque está dotado de liberdade, mas o homem quer adquirir consciência de si mesmo e no esforço para alcançar essa consciência, o conhecimento da realidade histórica vai desempenhar um papel de suma importância.

Com a História se esclarecem, reciprocamente, passado e presente; com ela o homem adquire consciência do não-histórico, do perene que há nele, e do que transcende a História. Jaspers entende que o presente está grávido do futuro, futuro cujas tendências, sejam contrárias ou de adesão, somos nós que fazemos. Pensar o futuro determina a maneira como vemos o passado e o presente.

Segundo Jaspers, no passado, partindo do que ele chama de "tempo-eixo", pois é em torno do que ocorreu nesse tempo que irá desenrolar toda a História futura, é que descobrimos a unidade das culturas.

Jaspers acredita que a Humanidade tem uma origem e uma meta final única e idêntica; porém crê na primazia do Ocidente sobre o Oriente, com a ressalva de que o Ocidente deve encarar o Oriente como ele é realmente; buscando nele sua complementação. Assim, para Jaspers, a História da Humanidade só tem sentido quando pensada como História

única. A História como conjunto é única, sem repetição, propriamente histórica e não mero acontecer material.

Em suma, quanto à relação Oriente-Occidente, pensa Karl Jaspers que humanamente não existem diferenças valorativas marcantes de um sobre o outro, mas uma complementação entre ambos, para a plenitude do humano. E aqui Jaspers concorda com Northrop.

### Em defesa da unificação da humanidade

Albert Schweitzer, cuja filosofia da história aparece como uma participação no combate pela defesa da cultura, pela salvação de nossa civilização, em sua obra **O Pensamento da Índia e seu Desenvolvimento** (1936), mostra que o futuro da cultura depende da possibilidade do homem chegar a uma concepção do mundo que encerra em si o otimismo.

O conceito de Civilização para Schweitzer é predominantemente ético. Para ele, Civilização quer dizer a soma total de todos os progressos em todos os campos da atividade criadora do homem, apenas enquanto conduz à perfeição ética do indivíduo e das comunidades. Esta supremacia do ético penetra toda a sua teoria da história. Sob este ponto de vista a Civilização Ocidental encontra-se em decadência. Decadência que começou por volta da segunda metade do século XIX.

No seu entender não pode haver divergência total do pensamento oriental e ocidental, pois a todo pensamento são comuns dois problemas fundamentais: 1º o problema da afirmação e da negação do mundo e da vida; 2º o problema da ética e das relações entre a ética e estas duas formas da atitude espiritual do homem ante Deus. Assim, ambos os pensamentos são repositórios de valores que devem comunicar-se reciprocamente.

Toda filosofia de Schweitzer é voluntarista, e manifesta não só uma desesperada vontade de sobrevivência para a Humanidade como uma desesperada vontade de crer na "união" da Humanidade.

### Crítica ao Ocidente

E. V. Zenker, em sua **História da Filosofia Chinesa** (1932), critica a atitude do Ocidente face ao Oriente, como esnobismo, em vez de ser uma expressão de um sentimento reflexivo.

Entende Zenker que se deve conhecer o pensamento oriental e vice-versa para completar o conhecimento da obra do pensamento filosófico no geral, porquanto, como diz, "a filosofia, a cultura, etc., não é um privilégio do espírito europeu."

Em suma, Zenker acredita na unidade das culturas distintas, cada uma com sua “alma” própria sob uma visível homogeneidade.

Já René Guenon, em seu livro **Oriente e Ocidente** ( 1924-1929 ) sem ser tão radical quanto Zenker, expressa que um contato do Oriente com o Ocidente e vice-versa, tanto um como outro tem tudo a ganhar. Ele entende que a oposição entre Oriente e Ocidente não tinha nenhuma razão de ser quando também no Ocidente havia civilizações tradicionais; portanto, a oposição só tem sentido quando se trata essencialmente do Ocidente moderno, porque essa oposição é muito mais a de dois espíritos do que a de duas entidades geográficas mais ou menos nitidamente definidas. E explica que em certas épocas, das quais a mais próxima é a Idade Média, o espírito ocidental assemelhava-se muito, pelos seus aspectos mais importantes, ao que é ainda hoje o espírito oriental, bem mais do que ao que se tornou nos tempos modernos.

Guenon supõe assim que se o Ocidente, de uma forma qualquer, voltar à sua tradição, a sua oposição ao Oriente seria por isso mesmo resolvida e deixaria de existir, visto que ela só nasceu a partir do fato do desvio ocidental, e que ela é realmente a oposição do espírito tradicional e do espírito antitradicional. Para ele, portanto, o retorno à Tradição teria entre os seus primeiros resultados o de tornar imediatamente possível um entendimento com o Oriente, tal como ele é possível entre todas as Civilizações que possuem elementos comparáveis ou equivalentes.

### **A liberdade como princípio unitário**

Benedetto Croce ( para quem a Filosofia da História nada mais é do que um caso particular de falsa posição teórica, isto é, pertence à fenomenologia do erro ), afirmando que como as religiões, as filosofias da história tendem a tornar-se transcendentais e levam em si as más conseqüências da ética transcendente, mais ou menos, material e materialística —, no **Quaderni della Critica**, nº 12, de novembro de 1948, em comentário ao livro de Northrop — **O Encontro do Oriente e Ocidente** — entende que é inadmissível que as filosofias tivessem sido encaradas como programas de vida, idéias de ação, e assim, a tese, apresentada por Northrop ( e conseqüentemente, dos demais autores aqui apresentados ) sobre a conciliação do Oriente e do Ocidente, é frágil.

Afirma, assim, que a filosofia é a luz que o pensamento introduz nas obscuridades ou confusões mentais, que se apresentam

sempre diferentes e são um obstáculo para o conhecimento ou o juízo dos fatos, nos problemas que se delineiam historicamente. Assentando, ao mesmo tempo, que a unidade do verdadeiro é o motivo que atua continuamente na filosofia e na historiografia, fazendo da primeira o momento metodológico da segunda. É próprio, portanto, da história um princípio unitário sempre operante e único autor de toda história e de todo o progresso. Para Croce, esse princípio chama-se Liberdade.

As idéias de Croce não se confundem, como se vê, com as de Spengler nem com as de Jaspers. Se ele afirma a possibilidade da unidade, assevera, também, uma radical diversidade empírica entre o Oriente e o Ocidente.

Por outro lado, V. N. DAS GUPTA, na obra *O Legado da Índia* ( 1937 ), não concorda com Croce, quando afirma que as muitas filosofias passaram em toda a parte mais ou menos pela mesma senda e com os mesmos conceitos que se desenvolveram em tempos posteriores. Daí a possibilidade de uma unificação.

### **Para concluir**

Com exceção feita à tese de Spengler, todos os demais autores citados são exemplos da afirmação do universalmente humano como valor predominante a que se devem subordinar os valores particulares, aparentemente opostos, e que, na verdade, seriam entre si, complementos dentro do universal.

Mas esse ponto de vista supõe a existência de uma História Universal como realidade possível e da existência possível da correspondente historiografia.

O exame das diversas concepções sobre o tema das Culturas, conduz a conclusão de que a discussão gira em torno das idéias da personalidade individual. Assim é que as teorias mais convincentes são as que negam a existência de valores rigidamente sistematizados em torno de um núcleo comum, e afirmam que toda cultura vivente pode e, segundo alguns autores, deve incorporar os valores de outra.

Verifica-se, assim, que nas reflexões filosóficas sobre a História existe uma simetria entre o um e o outro, entre os valores do individual, do social e do universal na axiologia e nas idéias correlatas.

Se as diversas teorias axiológicas mostram claramente as preferências de seus autores por uns valores, que somente são do domínio

da moral, as idéias histórico-filosóficas sobre as épocas e as culturas não oferecem, contudo, a primeira vista, uma maior fundamentação sobre a teoria genérica do valor.

As controvérsias, em axiologia, sobre o “valor”, no geral refletem a seu modo as que, através da História, se produziram em particular, no que diz respeito aos valores artísticos, jurídicos e morais.

No presente panorama do mundo, a vida, e não a especulação filosófica, caracteriza-se por antagonismos mais bruscos, provavelmente do que em outros tempos, entre as diversas nações e centros culturais, e dentro de cada sociedade entre o Estado e o indivíduo, e entre os diferentes grupos sociais.

As forças divergentes ou opostas podem traduzir-se em axiologias subjetivistas, objetivistas e absolutistas, ou como seria mais justo dizer, universalistas, porquanto, como afirmei no início deste trabalho, não se pode negar a existência da dramática contradição entre tendências e interesses humanos universais e interesses nacionais de grupos humanos particulares.

E com isso atinjo a culminância do tema, deixando para a reflexão os ensinamentos de Huberto Rohden a respeito da visão universal manifestada em ação individual.

A unificação da Humanidade só se tornará possível quando o homem for capaz de intuir, visualizar ou sentir a presença do Universal-Infinito em todos os Individuais-Finitos. Quando sentir a presença da Vida ( Universal ) em qualquer ser vivo ( Individual ). Quanto possuir a faculdade da introversão, introspecção ou intuição, que ultrapasse a percepção dos sentidos e a concepção do intelecto, e atinja o âmago, o cerne da suprema e última Realidade, para além de todas as pseudo-realidades das aparências externas testificadas pelos sentidos e pelo intelecto.

Para que na pluralidade das culturas a Humanidade se unifique, o homem deve agir “universicamente”, deve passar pela vivência íntima, experimental, profundamente verdadeira, que o Universo é o que seu nome diz: UNO em todos os DIVERSOS, que é perfeita UNIDADE em todas as DIVERSIDADES.

## **Bibliografia**

DAS GUPTA, V. N. “Philosophy” in *The Legacy of India*, Oxford, G. T. Garrat, 1937.

GUENON, René, *Orient et Occident*, Paris, Les Edition Véga, 2 ed., 1947.

- JASPERS, Karl, **Origen y Meta de la História**, trad. Fernando Vela, Madrid, Revista do Occidente, 1950.
- NORTHROP, F. S. C. **El Encuentro de Oriente y Occidente**. Trad. Manuel Pumarega, México, Ed. Iberoamericana de Publicaciones S/A, 1948.
- RENAN, Ernest. **Histoire du Peuple d'Israel**, Paris, Calmann Levy, 1887-1893.
- ROHDEN, Huberto. **Filosofia da Arte**, Rio, L. Freitas Bastos S/A, 1966.
- SCHWEITZER, Albert. **El Pensamiento de la India**. Trad. Antonio Ramos Oliveira. México, Fondo de Cultura Económica, 1952.
- SPENGLER, Oswald. **La Decadencia de Occidente**. Trad. Manuel Morente. Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1952.
- TOYNBEE, Arnold. **A Study of History**, London, Oxford University Press, 1934-1954.
- ZENKER, E. V. **Histoire de la Philosophie Chinoise**. Trad. G. Lepage, Paris, Payot, 1932.